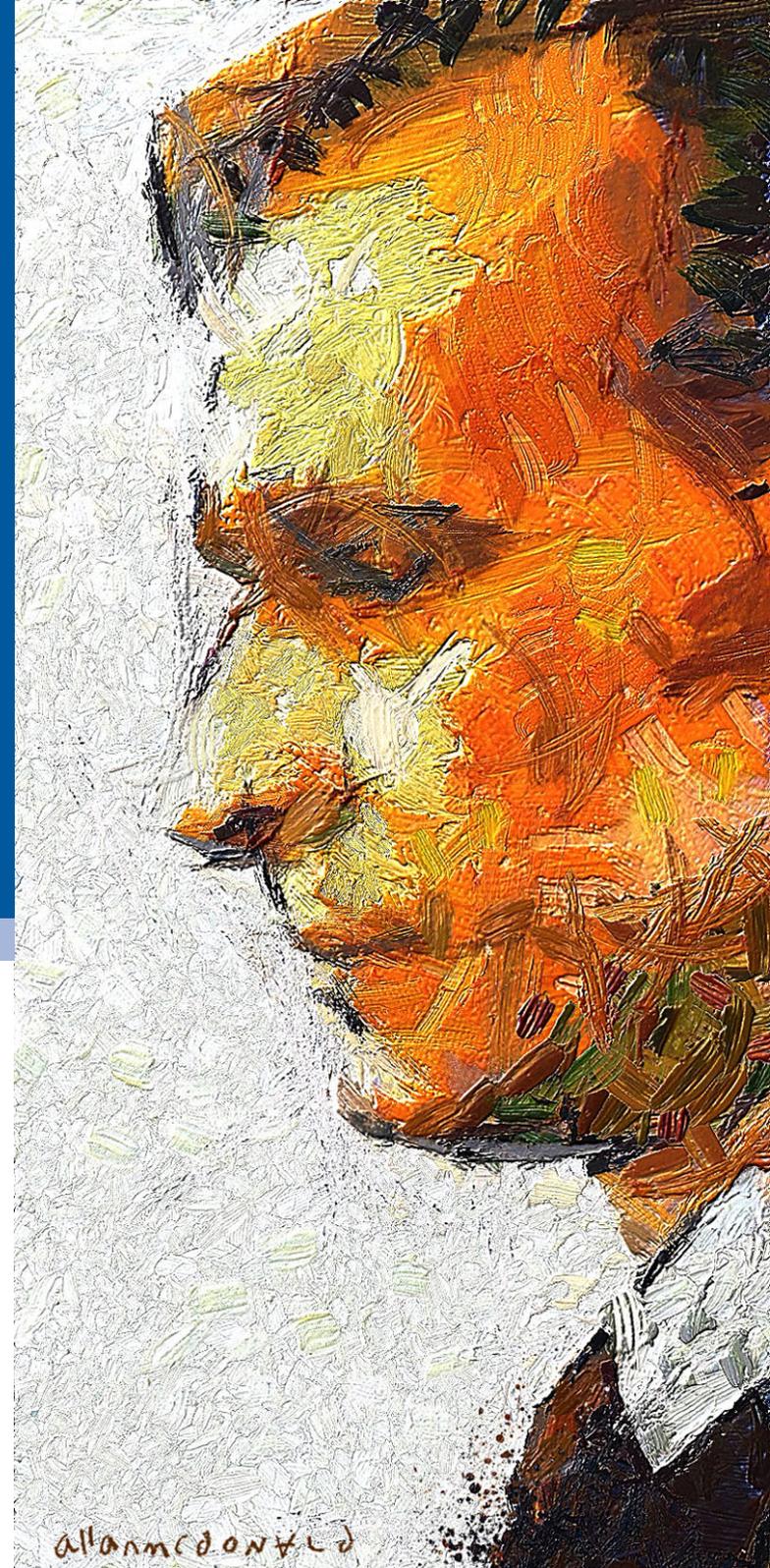


Companheiro Harald Edelstam

Seu exemplar combate em favor da vida, contra o medo e a neutralidade



Harald Edelstam...

Todo o resto são só palavras

O **Chile** era um grande campo de concentração, o Estádio Nacional uma prisão a céu aberto e a cordilheira o mais longo paredão de fuzilamento que a História conheceu. As ações tomadas por **Edelstam** nessas semanas foram um relâmpago de coragem e solidariedade rasgando o manto negro fascista que cobriu o país em setembro de 1973, em uma tentativa de ocultar o massacre que o neoliberalismo e o império norte-americano executavam contra o país irmão.

“Para muitos suecos, justiça social em casa e justiça internacional fora fazem parte da mesma luta”, dizia **Olof Palme**. **Harald Edelstam** – que obedecia mais às suas emoções do que ao frio cálculo – foi quem melhor interpretou **Palme**, pondo em jogo a sua própria vida para salvar a dos outros, e sendo o homem mais livre, escolheu pôr em risco a sua liberdade, defendendo a de todo um povo.

Resgatar a parte da figura e a ação de **Harald Edelstam** a partir das vozes daqueles que o conheceram e ainda continuam vivos, porque ele lhes salvou a vida, é a melhor forma de nos aproximarmos deste homem que não conheceu fronteiras e que sempre se sentiu encurralado quando sentado atrás de uma escrivaninha.

Gerardo IGLESIAS
Secretario Regional UITA

Jair KRISCHKE
Presidente MJDH

*¿Quién dijo que todo está perdido?
Yo vengo a ofrecer mi corazón
Tanta sangre que se llevó el río,
yo vengo a ofrecer mi corazón*

Fito Paez

O mundo parece ter se decidido a, finalmente, homenagear devidamente **Harald Edelstam**. Na **Noruega** é lembrado pela sua participação na resistência ao domínio nazista, na **Guatemala** por suas ativas denúncias contra os massacres de indígenas, e no **Chile** por sua heroica proteção aos perseguidos durante os primeiros meses da ditadura. Entre as centenas de pessoas que **Edelstam** salvou, estão dezenas de uruguaios resgatados do tristemente célebre Estádio Nacional de Santiago. Estas linhas evocam essa prática, a partir de testemunhos que contam como era a sua maneira comprometida, solidária, audaz e valente de entender a diplomacia.

Daniel Gatti



Companheiro Harald Edelstam Seu combate exemplar pela vida, contra o medo e a neutralidade

“Há gente com a qual a humanidade toda tem uma dívida, gente especial, rara, e que nunca foi apreciada em sua justa medida. Uma dessas pessoas é, sem dúvida, **Harald Edelstam**”.

Estas palavras pertencem a **Julio Baraibar**. Ele está consciente de que se ainda hoje “conta a história” é graças, em grande medida, a esse embaixador sueco, apelidado de forma desqualificante pelos seus colegas de “O louco”, certamente porque, diferentemente deles, não duvidava em “**arriscar o pescoço para se meter nas mais adversas situações, deixando de lado protocolos e convenções usadas pelos outros como formas de não fazer nada**”.

Há quase exatamente 40 anos, em setembro de 1973, **Baraibar**, atual embaixador itinerante do governo de **José Mujica**, fazia parte de um grupo de 58 uruguaios – em sua maioria militantes da esquerda – que tinham sido levados pelos militares golpistas chilenos ao Estádio Nacional de Santiago, convertido em campo de concentração e em lugar de execução sumária de prisioneiros políticos.

Conhecer **Edelstam** nos salvou a vida – confessa **Baraibar** -. Tive uma relação pessoal com ele durante poucos dias, mas suficientemente intensa para apreciar sua enorme valentia e sua retidão. **Não é qualquer um que enfrentava os militares chilenos, que eram um bando de assassinos totalmente impunes, como ele fez**”.





Os 58 no Estádio Nacional Uma prisão a céu aberto

Quando **Baraibar** chegou ao Estádio Nacional, no dia 17 de setembro de 1973, já havia ali uns 15 uruguaios presos. “Em menos de uma semana já éramos mais de 50. A grande maioria, cerca de 45, era de militantes, mas havia também 4 bailarinos e familiares de exilados. Todo uruguaio que eles pegavam ia preso. **Para os militares chilenos, todo uruguaio era tupamaro**”.¹

Baraibar foi nomeado pelos próprios companheiros como coordenador do grupo. “Para sobreviver ao caos e à repressão brutal que viviam nessa prisão tão particular, nós nos organizamos como uma coluna guerrilheira, disciplinada, cada grupo com tarefas a fazer e responsabilidades.

Formamos dez grupos, porque não nos deixavam ficar juntos em grupos maiores de cinco. Os responsáveis de cada um deles se reuniam comigo em uma das escadas do estádio e discutíamos tudo. Nós nos dividíamos para conseguir comida catando no lixo dos oficiais, para fumar ou para algum trabalho de Inteligência. A tarefa de inteligência era fundamental, tanto como a de fazer alguma coisa para comer: a ideia era percorrer todo o estádio, em busca de algum uruguaio metido no meio dos chilenos.

Foi assim que descobrimos “O mudo”, um garoto de 18 anos que vivia em um bairro operário de **Santiago** e trabalhava como torneiro mecânico.

Ele tinha sido detido junto com dezenas de chilenos e alguns estrangeiros, após um intenso tiroteio de três dias.

“Eles foram levados para um quartel, onde foram colocados em forma na Praça das Armas e um oficial ordenou que os estrangeiros dessem um passo a frente. **Três argentinos deram um passo à frente, e foram fuzilados ali mesmo.**

Uma uruguaia de quase 40 e ele ficaram quietos. A mulher sabia imitar muito bem o sotaque chileno e assim ela conseguia ir se salvando. Ele não tinha como falar como um chileno e escolheu se fazer de mudo. Um oficial que desconfiava, disse uma vez a um soldado: “Temos que enfiar o cassetete nele até ele falar”. E estavam começando a lhe bater, quando um grupo da pesada do **Partido Socialista** atacou os policiais. “O mudo” aproveitou a confusão para agarrar um papelzinho que os outros detidos preenchiam, colocou um nome qualquer, que memorizou bem, inventou um endereço de moradia e uma esposa, e deixou em cima da mesa. Depois da confusão, entregou aos militares. Daí, foi transferido para o estádio como mais um chileno”.

Em uma das rodadas das “equipes de inteligência” dos uruguaios pelo campo, “**O mudo**” foi reconhecido por um preso, agachado na arquibancada. “Teve sorte mais uma vez: conseguimos jogá-lo no nosso grupo.

E como todos nós, ganhou na loteria quando, de repente, apareceu ali um homem altíssimo, loiro, com muita pinta, gritando com aquela voz de trovão, quase como se desse ordens para estes rudes militares que dispunham da vida e da morte de milhares de prisioneiros: “Vocês são uns assassinos. Deixem-me passar”, enfrentava.

1 Refere-se a membros do então Movimento de Liberação Nacional – Tupamaros.



Na noite mais escura: O relâmpago

Foi numa dessas rondas de inteligência que os detidos uruguaios descobriram esse homem que não podia ser mais que um diplomata, um funcionário internacional, mas de uma classe muito rara.

“O companheiro que o viu avisou imediatamente e lá fui ao seu encontro”, relata **Baraibar**. “Estava rodeado de gente que queria falar com ele. Mais de 100 pessoas sem dúvida, e o cara no meio, gritando com os militares, com um sotaque inconfundivelmente nórdico: **“Assassinos, a história julgará vocês, assassinos, errrrriminosos!”**”.

Ele poderia ter sido morto ali mesmo, mas os milicos não respondiam, permaneciam impávidos, um pouco pelo respeito que infundia – os militares de baixa patente sentem certo medo quando alguém os peita dessa forma -, e um pouco porque estavam no pelourinho do mundo, pois já estava ficando conhecido internacionalmente o massacre feito por eles e não podiam se meter com um embaixador sem pagar um custo altíssimo. **O sueco era muito inteligente e se aproveitava dessa situação!**”.

Em meio ao caos, **Baraibar** conseguiu, entretanto, se aproximar de **Harald Edelstam**. “Nós dois nos destacávamos pela altura, tínhamos mais de um metro e noventa, e por isso ele logo me viu.

‘Embaixador, sou o delegado dos uruguaios que estão neste campo e vão matar a todos nós. Tenho aqui a lista de 58 pessoas, o senhor vai ser o primeiro a conhecê-la’, eu lhe disse.

Eu expliquei (a ele) que no **Uruguai** já havia uma ditadura há meses e que iam nos assassinar no **Chile** e no **Uruguai** se nos mandassem para

lá. Eu me surpreendi quando me perguntou se éramos tupamaros. Eu respondi que não, porque era isso que dizíamos aos militares chilenos, e ele me surpreendeu ainda mais quando me respondeu: **‘Ah, então não posso fazer nada por vocês’**.

‘Escute-me embaixador, tire a gente daqui primeiro e depois eu digo o que somos. Para nós é imprescindível que o senhor nos leve para o seu país ou para qualquer outro, menos para o **Uruguai**’, foi o que me surgiu dizer na hora. **‘Comprrrreendo, comprrrreendo, farei o possível’**, respondeu ele, e nessa hora começamos a sentir um pouco de esperança.





Fincar bandeira “Isto é terra sueca...”

Meses depois **Baraibar** soube o motivo da pergunta do embaixador. Assim que foi dado o golpe, o **Chile** rompeu relações com **Cuba** e deu aos diplomatas da ilha 48 horas para abandonarem o país. A embaixada de Cuba foi rodeada por militares armados para a guerra, que romperam uma parede do local e instalaram pelo buraco aberto uma metralhadora.

Edelstam decidiu então que a **Suécia** se encarregaria das propriedades e dos interesses de **Havana** no **Chile** e, antes que os militares chilenos massacrassem os diplomatas e os refugiados estrangeiros que estavam ali, correu até o edifício com uma bandeira branca nas mãos e fincou a bandeira do seu país, declarando “**terra sueca e inviolável**”.

Os militares apenas lhe deram tempo para trocar algumas palavras com os diplomatas cubanos já expulsos. ‘A primeira coisa que o embaixador cubano lhe disse foi: “**Edelstam**, salve os tupamaros, porque vão matar todos’, e assim foi que ele considerou essa uma missão sua. Assim que encontrasse os tupamaros, faria tudo que fosse possível para resgatá-los. Estava entre suas prioridades”, lembra **Baraibar**.

No Estádio Nacional Decidimos jogar em duas pontas

A entrada de **Edelstam** no círculo de proteção acalmou um pouco o grupo de 58 uruguaios, mas era uma “tranquilidade muito precária”.

Continuavam detidos em condições extremas e sabiam que, se quisessem ou se o contexto permitisse, os militares chilenos podiam fuzilar os presos a qualquer momento.

“Decidimos jogar em duas pontas: dissemos a verdade a **Edelstam**, contamos que a maioria de nós era de tupamaros; para os oficiais chilenos jurávamos que éramos simples trabalhadores emigrados pela crise econômica, que o **Uruguai** estava caindo aos pedaços e que nos deslumbramos com o **Chile**.”

Nós lhe sugeríamos que ligassem para a nossa embaixada porque queríamos voltar ao país, que tínhamos sido muito egoístas em abandoná-lo. Volta e meia lhes repetíamos esse discurso, conscientes de que era uma faca de dois gumes, porque sabíamos muito bem o que poderia acontecer se a embaixada do **Uruguai** interviesse, pois lá já era uma ditadura.

Tanta insistência trouxe, como consequência, que o coronel, comandante da missão, enlouquecesse a embaixada uruguaia. O embaixador era **César Charlone**, um civilista que tinha sido chamado para consultas pela Chancelaria em Montevideú, e quem se responsabilizou pela representação foi a sua mulher, **Bernabela (Belela) Herrera**, que meses depois foi designada representante do Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas no **Chile** e salvou a vida de muitas pessoas. Tivemos uma sorte enorme em nos conectarmos com ela”.



O contato ... Eu também vou ...

Belela Herrera foi chamada pelos militares chilenos para que fosse ao Estádio Nacional.

– Venha, senhora, porque há aqui uns compatriotas seus que dizem que querem voltar ao seu país.

E lá foi **Belela**, sem entender muito.

“No dia em que ela chegou – lembra Baraibar – ela me perguntou indignada: ‘Por que insistiram tanto, se nenhum de vocês pode voltar ao Uruguai? O que está acontecendo?’. E eu, super irritado, respondi: ‘Porque queremos que saibam que estamos aqui, que somos estes 58, e que vão matar a todos nós.’



E em seguida, improvisei: ‘Queremos que vocês nos tirem daqui e nos entreguem à **Suécia**.’

Ficou pálida, parecia que eu tinha dito a palavra mágica. Neste momento, um companheiro que estava vigiando tudo, avisou que viu o **Edelstam** chegar, muito agitado.

- Vão nos tirar daqui, embaixador?, eu lhe pergunto.
- Não posso, me disseram que vocês só podem sair para o **Uruguai**.
- Assim estaremos liquidados. Lá vamos presos ou nos matam.

E voltei a improvisar:

- O ideal seria que a embaixadora do **Uruguai**, que está aqui, nos tire do Estádio e nos entregue ao senhor. Por que o senhor não fala com ela?

Edelstam, que não só sempre tinha iniciativa, como também adorava encontrar situações onde pudesse demonstrar a sua vontade de ajudar, aceitou imediatamente. Eu os apresentei e ele saiu logo falando: ‘Senhora, meu país tem a grande honra de convidar todos estes cidadãos uruguaios a viver com tranquilidade na **Suécia**’. **Belela Herrera** não ficou atrás: ‘Senhor embaixador, que enorme prazer para todos, **não terei também eu a possibilidade de acompanhá-los?**’.

Nós, os 58, estávamos atrás, pressionando, falando em uníssono. Quando escutamos este diálogo, percebemos que havíamos dado um grande passo.

Em poucos dias, ambos apresentaram à junta chilena esta fórmula: entregavam-nos para a embaixada uruguaia, e esta nos entregava aos suecos e iríamos embora do **Chile**.



A ditadura, que estava muito pressionada pela **Cruz Vermelha**, pelas **Nações Unidas** e por alguns países europeus, viu uma maneira de se livrar deste problema, e acabou aceitando o acordo.

Entretanto, ainda faltava muito para que saíssemos do país, e **Edelstam** tinha a oportunidade de, mais uma vez, provar o seu compromisso com estes 58 uruguaios, que estavam agradecidos pelo que já tinha feito”.

Duplo fator A sorte e a coragem

Baraibar lembra que quem não ficou nada satisfeito com o acordo foram os militares responsáveis pelo Estádio Nacional, em especial o comandante, coronel **Pedro Espinoza**, “**um fascista assassino que muitos anos depois, já na democracia, seria o primeiro oficial a ser preso no Chile, por violações dos direitos humanos, permanecendo preso até hoje.**

Não podiam rejeitar completamente a decisão da Junta, mas decidiram algo assim como cobrar pedágio, e disseram que havia 8 de nós que não podiam sair, que estavam requisitados pela justiça militar. Era uma invenção. Nem sequer era um pedido da ditadura uruguia, mas sim uma decisão que partia apenas deles. Escolheram os oito ao azar: **marcaram os mais jovens**”.

E os uruguaios se posicionaram em bloco: ou todos ou ninguém. E começou uma nova batalha entre duas forças bem desiguais.

“Apesar de estarmos em condições de clara inferioridade, dois fatores pesaram a nosso favor: o fator sorte e o fator **Edelstam**”, disse **Baraibar**.

O fator sorte: a ponto de ser promovido a general, o coronel **Espinoza** viajou ao exterior para realizar um curso, e foi substituído pelo major **Mario Lavanderos**, “**quem, apesar de estar ali e de ser o segundo na hierarquia militar da prisão, era claramente perceptível o seu desconforto, e não era difícil adivinhar que não estava de acordo com o golpe de Estado**”.

“Fizemos uma jogada para enganar dois funcionários administrativos da prisão e finalmente conseguimos sair todos, incluindo os oito da lista negra, da qual **Lavanderos** não tinha conhecimento. Fomos passando um de cada vez, encapuzados, até um ônibus que ia nos levar à embaixada cubana, vigiada pelos militares, porém com a proteção sueca.

Um fotógrafo que estava dentro do carro de **Edelstam**, oculto por um cobertor, tirou fotos de nossa transferência. Foi mais uma audácia de **Edelstam**, sempre atuando no limite, mas depois festejou muito”.

Seu carro, um Mercedes preto, era também considerado pelo sueco como “**território livre de ditaduras**”, imune aos atropelos. Ou assim imaginava.

“Se não estivessem estado sob tanta pressão e observação internacional, tenho certeza de que os militares chilenos tê-lo-iam metralhado em alguma rua perdida ou em alguma de suas tentativas de resgate. Não era difícil, e talvez em pouco tempo os protestos pela morte deste ‘maluco’ teriam se dissipado”, avisa **Baraibar**.





No dia seguinte, o diplomata chegou à antiga embaixada cubana sob controle sueco: “Problema grave: não querem nos dar o salvo-conduto para que possamos ir embora”. E contou que os militares tinham fuzilado os dois funcionários administrativos que tinham sido “enganados” pelos uruguaios, e que o major **Lavanderos**, “reconhecendo esse erro”, tinha se suicidado pouco depois com um tiro na boca.²

“Isso disseram. Talvez também tenham matado o **Lavanderos** e há perigo de que matem todos vocês também”, comentou o sueco.

Durante 15 dias **Edelstam** pegou pesado com a Junta para conseguir a saída do grupo de uruguaios, enquanto paralelamente choviam sobre **Santiago** pressões de diversos organismos internacionais.

Finalmente, o grupo saiu em um comboio de carros e caminhonetas para o aeroporto, onde eram esperados por um avião da companhia sueca SAS.

Passará, passará... mas o último ficará? De cabeça na pista

Alguns minutos depois de terem se despedido com um abraço de **Edelstam**, e a ponto de chegarem à escadinha do avião, **Baraibar** sentiu que o agarravam pelas costas.

² Em meados de novembro de 2013, um juiz chileno condenou David Reys Farías, um tenente-coronel, pelo assassinato do major Lavanderos. De acordo com a sentença, Reyes Farías repreendeu duramente Lavanderos pela liberação dos uruguaios e de 13 bolivianos que também foram entregues à embaixada sueca. Após uma discussão o tenente-coronel disparou a queima-roupa, apoiando sua pistola no lábio superior do major.

“Eram três caras, que não paravam de me insultar e me golpear. Os companheiros que estavam dentro do avião, perceberam tudo e começaram a gritar, e **Edelstam**, que estava indo embora, saiu do carro e foi até a pista. Ele se jogou no meio dos caras e me agarrou. **E não foi embora do aeroporto até ter a certeza de que eu estava sendo cuidado por um funcionário sueco, muito jovem, que me deu a mão e não me soltou mais.** Nós dois transpirávamos abundantemente.

Consegui embarcar, mas naquele dia de outubro de 1973 não me senti tranquilo até o avião cruzar a fronteira do **Uruguai** com o **Brasil**”.

Pendurada por um barbante E Odin retornava com fúria desenfreada

Belela Herrera se lembra do **Edelstam** com muita emoção. “Foi desses personagens que não se repetem, um homem com um arrojo incrível, **que não duvidou em desafiar as convenções diplomáticas porque lhe parecia muito mais importante salvar vidas do que se apegar a regulamentos**”, disse.

“Os suecos sempre foram muito solidários, mas ele sem dúvida se destacou.

Tudo o que ele fez depois do golpe no **Chile** foi fantástico”, aponta, e destaca tanto o resgate dos “58” como o gesto de fincar a bandeira sueca no edifício cubano cercado entre dois fogos. E rememora igualmente como ele salvou a vida de uma jovem uruguaia chamada **Mirtha Fernández de Pucurull**.



Mirtha Fernández também estava refugiada na sede da embaixada cubana em **Santiago**. Um dia começou a sofrer intensa hemorragia. O médico, responsável pelos asilados lhe diagnosticou morte certa por hemorragia em caso de não ser operada com urgência. Devia ser transferida para uma clínica.

Harald Edelstam não saiu do seu lado todo o tempo em que ela esteve na embaixada, tentando consolá-la. Sabia, entretanto, que fora da embaixada pouco podia fazer.

Mas **Fernández** lembra que, “além de sua alma”, **Edelstam** pôs “seu corpo” como improvável garantia de sua segurança.

A moça terminou sendo conduzida até a clínica Santa Maria, na capital. Em pouco tempo, o hospital foi invadido por um bando de homens de uniformes, que pretendiam levá-la e começou uma série de enfrentamentos entre o **Edelstam** e os militares. “Em determinado momento, **Harald** liga para outros diplomatas pedindo que compareçam na clínica para apoiá-lo. E, então, apareceram o embaixador francês **Pierre de Menthon** e o suíço **Schlatter**, do Escritório do Alto Comissariado da **ONU** para Refugiados. **De Merthon** teve o seu braço torcido, e **Harald** foi empurrado e jogado ao chão, antes de levarem **Mirtha** à força”, disse **Belela Herrera**.

Em um capítulo de seu livro **Colgada de un piolín** (Fin de Siglo, Montevideo. 2006) dedicado a **Harald Edelstam** e que se chama “**El regreso de Odín**”, **Mirtha Fernández** conta como o sueco “se apresentou como uma reencarnação do deus da mitologia nórdica para tentar salvá-la:

“**Odin** abandonou sua casa no Walhalla e voou para **Santiago**. Convenceu os diferentes, fustigou os reacionários, confiou em seus amigos e desafiou os seus chacais. Fiordes, caminhos e lagos da

Escandinávia já tinham visto ele se transformar em um “cravo vermelho” para salvar milhares de perseguidos pelos nazistas. Em **Jacarta**, onde assassinaram um milhão de pessoas, ele resgatou muitos deste mesmo destino. Na **Guatemala**, salvou outras tantas vidas e conheceu o **Che**. Agora **Harald Edelstam** estava ali, no **Chile**.

(...) Os enfermeiros me acomodaram na cama e saíram. Apareceram os da Aviação. Não apareceram vindos do céu, mas pisando firme. Levantaram o **Harald** pela gola do paletó, e o encurralaram. Eles o conheciam bem, pois não hesitaram na escolha. Seis aliados não conseguiram dominá-lo. **Odin** retornava com fúria desenfreada.

Os verdes ficaram paralisados, como quando um sapo vê um mangusto perto. Eles se retiraram e iniciaram uma ríspida discussão.

Faziam ligações por rádios, consultavam, davam ordens e contraordens de uma ponta à outra do corredor. Dava a sensação de que ninguém entendia nada, porque um deslocamento dessa natureza seria para tomar de assalto uma base militar e não para dominar meia dúzia de pessoas.

Harald permanecia aferrado a minha cama, como lama numa pedra. Suas mãos tremiam, ainda que ele se esforçasse para não dar bandeira. Não tirava os olhos de mim e tratava de me transmitir segurança e esperança, garantindo que tudo ia sair bem.

- Pensar que estamos arriscando a vida por alguém de quem não sabemos nem o nome –comentou um diplomata, que vestia um terno marrom.
- **Isso é o de menos, o que importa é a pessoa** – respondeu **Odin** sem protocolos.



Os oficiais da Marinha avançaram pelo corredor em direção a nós. **Harald** se adiantou ao encontro. Foi ignorado e os oficiais passaram direto. Agarraram a minha cama e me arrastaram até a sua base. **Harald** e seu grupo de amigos conseguiram me recuperar de novo, mas nesse vai e vem tinham-se passado dez horas. **Senti o cano de uma arma pressionar a minha cabeça. Ouvi o gatilho.**

Ninguém se mova! Ou nós a levamos ou eu disparo! Escolham!

Com a arma contra a minha cabeça, eu não me movia. Olhei com o canto do olho e, pela primeira vez, vi o **Harald** derrotado.

Lágrimas rolavam pelo seu rosto. Olhei para cima e o vi. Alto, forte, moreno, olhos claros refletindo ódio.

Dois subordinados conseguiram destrancar uma das portas. Por ali a cama não passava. O chefe voltou a vociferar as ordens e de fora me agarraram pelos tornozelos. E me jogaram com força no chão. Caí de costas na terra.

Pegaram-me e me jogaram dentro de um carro de patrulha. (...) Levantei a cabeça e vi o **Harald** na frente do carro. Devia estar exausto, mas estava erguido como quando Odin se colocava diante de seus heróis e poetas. Bateram-me. Caí.

Arranquem e joguem o carro em cima desse velho filhodapu! Um capuz me ocultou o sol”.

Apesar da resistência do sueco, **Fernández** foi levada pelos militares. **Edelstam** denunciou o sequestro. “eu enviei do escritório da **Cepal** um telex cifrado, que era a única forma de comunicação que tínhamos”, conta **Belela Herrera**.

“Foi um boom. Todo mundo exigiu o reaparecimento da **Fernández**, e os militares acabaram liberando-a e a colocaram em um refúgio.

Não pararam de amedrontá-la. Durante toda uma noite foram escutados tiros em torno do refúgio.

Na manhã seguinte Edelstam foi para a Suécia. Ele tinha conseguido salvar outra vida”.

Partida e o caso

“Um bicho estranho”

Dia 4 de dezembro de 1973, **Harald Edelstam** é declarado persona non grata pela ditadura de **Augusto Pinochet** e é expulso do país. Um dia depois voltaria a pisar em solo sueco. “**Qualquer um poderia supor que em Estocolmo seus colegas e o seu governo lhe receberiam com honras. Foi exatamente o contrário**”, lembra **Julio Baraibar**.

O homem no **Chile** acabava de salvar centenas de vidas, seguindo uma “tradição” pessoal iniciada três décadas antes, em **Berlim** e na **Noruega**, durante a Segunda Guerra Mundial quando, com pouco mais de 20 anos, não havia duvidado em se envolver diretamente no combate aos nazistas apesar de ser diplomata (foi na **Oslo** ocupada que escolheu o pseudônimo de “**O Cravo Negro**”, por colaborar com a resistência **Noruega**, um apelido que o acompanharia por toda a sua vida). Porém, mal chegando à **Suécia**, “começaria um lento caminho ao esquecimento oficial”.

“Depois do **Chile**, **Edelstam** viveu certo ostracismo, foi enviado para longe, até a sua carreira terminar na **Argélia**, em 1979.

Seus próprios colegas suecos lhe jogaram para escanteio. **Ele atuou de coração, por um compromisso com a vida que considerava um bem moralmente muito superior a qualquer neutralidade imposta por seu cargo diplomático.**

“Mas **Harald** sempre participou de atos de solidariedade com o **Chile**, onde deixou tanto de si mesmo, em que pese tenha morado nesse país apenas por um ano. A última vez que o vi foi em 1978, na **Espanha**, onde eu estava em missão pelo **ACNUR**, precisamente em um meeting , contra a ditadura chilena”.

Max Marambio, um chileno a quem **Edelstam** também salvou da morte, destaca que, uma vez de volta a Estocolmo, **Edelstam** se impôs a missão de convencer as autoridades de seu país de que não cabia a indiferença ou a neutralidade, e que foi em grande parte graças a ele que 1.500 chilenos puderam chegar à **Suécia** nos meses seguintes.

“Ele tinha uma boa carreira diplomática antes de chegar ao **Chile**. Inclusive era mencionado como candidato a embaixador da **Suécia** nos **Estados Unidos**. Mas, a sua carreira ficou completamente acabada e na Chancelaria foi considerado como se não fosse nada”, disse **Caroline Edelstam**, neta do diplomata.

E **Max Marambio** confirma: “**Ele tinha se transformado em um personagem estranho, porque era muito popular entre os exilados, porém muito impopular em sua Chancelaria.**

É curioso que olhassem para ele como um bicho estranho, não tinham nenhum apreço por ele, e consideravam que o que ele tinha feito era uma atitude exótica”.





A dívida com o Edelstam Um herói que o povo sueco deve conhecer

Julio Baraibar aponta que “são primeiramente os suecos os que têm uma dívida com **Edelstam**”. Em **Estocolmo** senti com dor como alguns colegas de **Harald** justificavam seu isolamento.

Ele era considerado louco, diziam que ele tinha assumido atitudes fora de lugar, diplomaticamente falando. **O diplomata – repetiam – tem que ser neutro, não deve se envolver pessoalmente em conflitos. Mas, Harald pensava, e mais do que pensava, sentia exatamente o contrário**”.

Baraibar disse que “talvez sua origem nobre, presente em seu sobrenome (stam em sueco significa família e edel nobre), contribuiu para lhe dar essa coragem, essa segurança, essa autoridade com a qual se impunha, e ao mesmo tempo significou para ele uma distância com os restantes.

E não nos esqueçamos de que a **Suécia** socialdemocrata dos anos 40, que estaria posteriormente na origem de tantos avanços para a classe operária, e para a sociedade em geral, foi também a que deixou passar por seu território as tropas nazistas rumo à **Noruega**, exatamente em nome da neutralidade.

Quando houve o golpe no **Chile**, também era a socialdemocracia que governava a **Suécia**, **por meio de alguém tão solidário e tão comprometido com as causas do terceiro mundo, como Olof Palme**.

Estas ambivalências fizeram com que um homem, que merecia ter recebido uma praça com o seu nome no centro da capital, fosse chamado de “louco” e marginalizado.

Hoje o mundo começa a reconhecê-lo, e a Suécia engole em seco quando seus representantes oficiais devem agradecer essas merecidas homenagens”.

Em seu exílio sueco, **Baraibar** foi durante dez anos dirigente sindical dos trabalhadores do transporte. “Uma vez me entrevistaram na televisão nacional por essa estranheza de ser estrangeiro, e especialmente latino-americano, e dirigente sindical, e grande parte do que declarei foi para exaltar a figura do **Edelstam**.

“**Eu gostaria que os suecos o conhecessem e o reivindicassem**”, disse, mas foi quase como uma saudação à bandeira”.

Surpreendente e arriscado para muitos... Coisa muito normal, para Harald

Juan Raúl Ferreira, atual integrante do Instituto de Direitos Humanos em Montevideu, conheceu fugazmente **Edelstam** em **Buenos Aires**, em 1976, poucos dias antes de as forças repressivas argentinas e uruguaias sequestrarem e assassinares os ex-legisladores **Zelmar Michelini** e **Héctor Gutiérrez Ruiz**, como também os militantes tupamaros **Rosario Barredo** e **William Whitelaw**.

O encontro aconteceu durante um almoço organizado por **Gutiérrez Ruiz** em um bar do centro de **Buenos Aires**. “Eu tinha apenas vinte e poucos anos e ia a esses encontros em companhia de meu pai.”³

³ **Wilson Ferreira Aldunate**, líder do Partido Nacional uruguaio falecido em 1988.

Passados apenas três anos do golpe no **Chile**, **Edelstam** já era uma lenda em certos ambientes, mas quando relutantemente contava sobre o que tinha acontecido em Santiago, fazia com uma naturalidade impressionante.

Era assombroso que alguém pudesse se surpreender com o fato de que um diplomata pudesse salvar vidas: **dizia que essa devia ser a primeira função de um diplomata em situações extremas.**

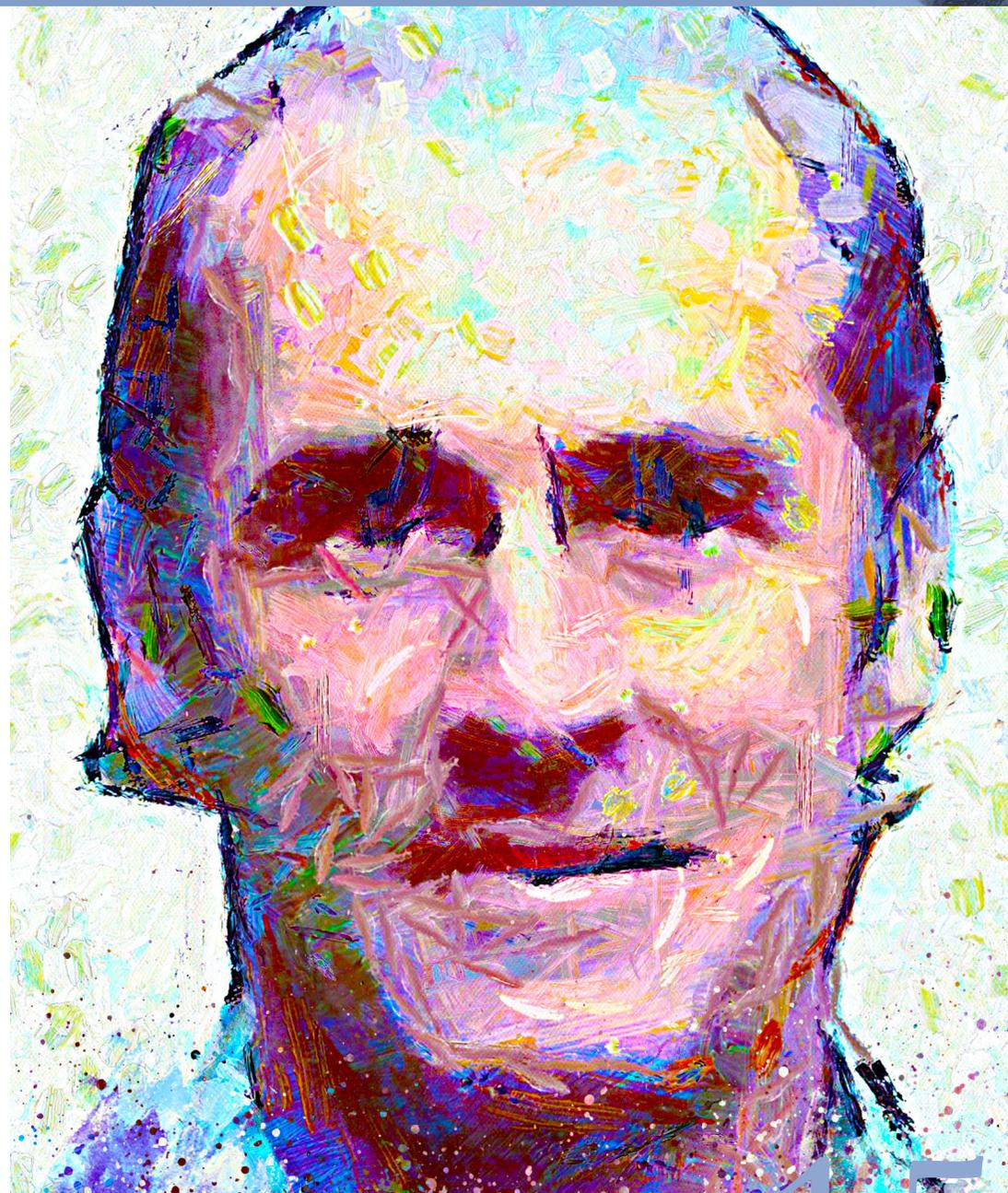
Era mais ou menos da estirpe da **Belela Herrera**: quando são elogiados, esses tipos de personagens não se sentem comidos, e fazê-los falar de casos concretos sobre as pessoas que ele salvaram é muito difícil.

Gutiérrez Ruiz conhecia sim muitas das histórias relacionadas com **Edelstam**, uma delas da própria boca dos beneficiados que tinham ido parar em **Buenos Aires** e, por seu intermédio, conheci muitos mais casos dos que o próprio **Edelstam** contou”.

Dos poucos casos que **Edelstam** relatou neste almoço, **Juan Raúl Ferreira** lembra especialmente o de um rapaz que o sueco literalmente arrancou do Estádio Nacional. “Um dia foi preso e disse que essa pessoa estava protegida pelo seu país.

Era absolutamente inverossímil, porque se tratava de alguém que já estava detido e que ao ser preso não tinha pedido proteção alguma nem tinha estatuto algum de refugiado. O mais insólito era que **Edelstam** nunca tinha visto essa pessoa: ele só a reconheceu porque antes de ir ao Estádio, havia pedido à sua família que lhe mostrassem a maior quantidade de fotos suas possíveis.

Viu dezenas de fotos, mas no Estádio havia multidões. Mesmo assim, conseguiu localizá-lo e o levou. Os militares não sabiam como lidar diante de situações assim, ficavam desorientados.





Alguém com autoridade moral lhes impressionava: o que ele pedia não lhes parecia um pedido, mas sim uma ordem, apesar de não se cansarem de repetir que a pessoa por quem ele buscava não estava ali. Sua insistência fez com que o deixassem entrar. Sempre me perguntei porque os milicos não esconderam esse rapaz antes de **Harald** chegar.

O que mais impressionava na atitude de **Edelstam**, disse **Ferreira**, era “**como desafiava o regime ditatorial de turno**. Seu trabalho humanitário era subproduto de como enfrentava esses regimes. **Havia nele convicções muito arraigadas sobre a liberdade e sobre a justiça social, por exemplo. E muita audácia**”.

Belela Herrera conta que, nos meses em que ele viveu no **Chile**, antes do golpe de Estado, **Edelstam** se reunia habitualmente com as autoridades de governo de **Salvador Allende** para colaborar no que pudesse, e a mesma coisa era feita com as organizações sociais.

E **Mirtha Fernández** lembra ter escutado **Edelstam** mencionar seus permanentes contatos com as comunidades indígenas no tempo em que esteve na **Guatemala**, no final dos anos 60 e começo dos anos 70, quando não deixou de denunciar as atrocidades cometidas pelo Exército contra os maias, acusados de colaborar com a guerrilha.

“São caras, os **Edelstam**, os **Guy Prim**⁴, que por sua sensibilidade pessoal tomam consciência de que sua investidura lhes dá cobertura para ir muito mais longe do que a lei permite”, disse **Herrera**.

Repouso de um guerreiro sem armas Harald Edelstam viverá para sempre

Edelstam morreu em abril de 1989 em **Estocolmo**. Desde 2005, uma parte da “rambla” (avenida litorânea da cidade) de **Montevideu** leva seu nome. No **Chile** “são feitas constantes homenagens a ele, talvez tardias, como todas, mas homenagens, finalmente”, disse **Julio Baraibar**.

O Movimento de Justiça e Direitos Humanos (**MJDH**) e a **Rel-UITA** lhe renderam tributo em **Porto Alegre**, em reconhecimento às centenas de brasileiros e brasileiras resgatados pelo sueco em Santiago.

E na **Suécia**? “Durante mais de 20 anos, salvo nas conversações familiares e nos comitês de latino-americanos, seu nome não foi mencionado”, escrevem os jornalistas **Germán Perotti** e **Jan Handquist**, em seu livro **Harald Edelstam** (LML Edições, Santiago, 2013).

Ambos deixam clara a oposição da **Noruega**, “uma **Noruega** que deveria estar agradecida a ele, tanto como os países latino-americanos”, contra uma iniciativa que circulou pouco depois que Harald deixasse o **Chile**, em 1973, visando a dar ao sueco o Prêmio Nobel da Paz.

“Neutralidade e compromisso não podem andar juntos, e finalmente este é o melhor reconhecimento que se possa fazer a alguém como **Edelstam**, partindo justamente daquelas pessoas e povos que ele ajudou”, conclui **Baraibar**.

4 Diplomático francés a cargo del ACNUR en Buenos Aires durante esos años, quien se jugó en favor de decenas de perseguidos por las dictaduras argentina y brasilera.

Companheiro Harald Edelstam
**Seu exemplar combate
pela vida, contra o medo
e a neutralidade**

Autor: **Daniel Gatti**
Edição: **Gerardo Iglesias**
Ideia: **Jair Krischke**
Ilustrações: **Allan McDonald**
Tradução: **Luciana Gaffrée**

Montevideu, setembro de 2014

